

# "SE EU JÁ CHEGUEI ATÉ AQUI, EU VOU CHEGAR ATÉ O FINAL": PERSPECTIVAS DA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Jéssica Ferreira Lôbo<sup>1</sup>  
Rita de Cássia Nascimento Leite<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa teve como objetivo investigar aspectos que contribuem para a permanência de estudantes de camadas populares no *campus* de uma universidade pública federal. Para tanto, foram realizadas entrevistas com cinco discentes com a finalidade de identificar e analisar, a partir das experiências relatadas, fatores envolvidos na permanência das estudantes, estratégias utilizadas por elas para permanecer e possíveis interações entre a intenção de desistir e de continuar seus cursos. Os relatos apontaram que a intenção de desistência e permanência podem se entrelaçar, a todo momento, durante a trajetória de estudantes de camadas populares num curso universitário e que fatores institucionais, pessoais e coletivos podem ser fundamentais para a promoção da permanência.

**Palavras-chave:** permanência universitária; ensino superior público; políticas institucionais.

**Abstract:** This research aimed to investigate aspects that contribute to the permanence of low-income students on the campus of a federal public university. For that, interviews were carried out with five students in order to identify and analyze, based on the reported experiences, factors involved in the students' permanence, strategies used by them to remain and possible

---

<sup>1</sup>Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: ferreirajessica09@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal da Bahia, docente do curso de Psicologia ofertado pelo Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: rcnleite@ufrb.edu.br.

interactions between the intention to drop out and to continue their courses. The reports pointed out that the intention of giving up and permanence can be intertwined, at any moment, during the trajectory of students from lower classes in a university course and that institutional, personal and collective factors can be fundamental for the promotion of permanence.

**Keywords:** university stay; public higher education; institutional policies.

## **Introdução**

Nos últimos 20 anos, vimos a inclusão de jovens de segmentos populares que, historicamente, tiveram poucas chances de ingressar na educação superior. Para tanto, o Estado criou e implementou políticas de reforma educacional e de expansão no ensino superior com esse objetivo. Dentre elas, destacamos a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) em 2007 (PEREIRA; REIS, 2020), que permitiu a ampliação do número de vagas e a proposição de outros modelos de educação, e o Programa Expandir, vinculado ao REUNI, que garantiu a expansão e interiorização de *campi* de universidades federais em diversas regiões do Brasil.

A homologação da lei de cotas, a lei 12.711 (BRASIL, 2012), é outro marco importante que possibilitou a diversificação do público universitário. Pela lei, 50% das vagas ofertadas em processos seletivos de cursos de ensino superior, obrigatoriamente, devem ser destinadas a estudantes que cursaram os três anos do ensino médio em escolas da rede pública. Uma parte dessas vagas devem ser

preenchidas por estudantes com renda familiar mensal por pessoa igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, havendo ainda vagas reservadas para pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e pessoas com deficiência.

Quando pessoas negras, indígenas, quilombolas, rurais, periféricas, com deficiência adentraram o ensino superior, as universidades, que possuíam históricos segregacionistas, precisaram adaptar-se para receber este público que, até então, não vislumbrava o ensino superior como uma realidade possível (SOUZA; SANTOS, 2017).

O relatório de 2018 do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Estudantil (FONAPRACE), produzido em parceria com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que apresenta o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação nas instituições federais de ensino superior (IFES), apontou que, nos últimos 15 anos, ainda que não seja a maior parte do público ingressante, houve um aumento significativo da inserção de pessoas autodeclaradas pretas (de 27.693 em 2003 para 143.599 em 2018) e pardas (de 132.834 em 2003 para 470.227 em 2018) e uma tendência de crescimento da participação de discentes do gênero feminino, cisgênera<sup>3</sup> e que se inserem na faixa de renda mensal *per capita* de até um salário mínimo e meio (de 4.143 em 2010 para 22.749 em 2018), sendo que este público é ainda mais

---

<sup>3</sup>"Conceito "guarda-chuva" que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando do seu nascimento" (JESUS, 2012, p. 14).

comum na região Nordeste (46,5% em 2010 para 49,4% em 2018)(FONAPRACE,2019).

Quando falamos de públicos sub-representados no ensino superior se inserindo nesse novo contexto, também falamos de outras barreiras históricas a serem superadas. Para Coulon (2008), o começo da vida universitária requer adaptação aos códigos, rotinas e linguagens acadêmicas, em que cada pessoa vivencia um período inicial de estranhamento e se afilia à instituição a partir da aproximação com seu ofício de estudante. Competências que lhe permitirão fazer parte do contexto universitário, reconhecer-se como tal e obter êxito acadêmico (MEJÍAS SANDIA, 2016).

No entanto, Mendes (2020) alerta, a partir da crítica que faz ao conceito de afiliação acadêmica proposto por Coulon, que é preciso reconhecer que diferentes classes, raças, gêneros e nações ocupando um mesmo espaço podem ser produtoras de desigualdades materiais e simbólicas, que precisam ser consideradas pela universidade de modo a planejar políticas que diminuam tais desigualdades. Assim, seria necessário compreender a afiliação a partir de aspectos históricos e sociais que envolvem a presença de estudantes de camadas sociais sub-representadas, despir-se de uma visão homogeneizante do que é ser universitário e assim reconhecer, como indicam Mancovsky e Más Rocha (2019), que as experiências estudantis remetem a pontos de partida e histórias singulares diversas por parte daqueles que começam uma trajetória universitária.

Desse modo, é preciso ponderar que, quando quem se insere advém de camadas populares, falamos de discentes que não correspondem ao ideário de pessoas de classe média alta, homem branco, cis, por volta dos 20 anos, residentes de áreas urbanas e que realizaram todo percurso escolar em instituições particulares (GANAM; PINEZI, 2021). Esse novo perfil é constituído por pessoas que vieram de ensino público e que, por uma série de aspectos sociais e estruturais, podem demandar ainda mais esforços institucionais para permanecer.

Considerando que a falta de recursos financeiros pode ser um empecilho importante para essa permanência, o Ministério da Educação, em 2010, criou o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), que tem por objetivo democratizar as condições de permanência de estudantes de origem popular no ensino superior, buscando minimizar os efeitos de desigualdades sociais com vistas a reduzir taxas de evasão e contribuindo para a promoção de inclusão social (BRASIL, 2010). Entretanto, Nunes e Veloso (2016) salientam que, para além do apoio financeiro, é essencial a discussão de outros aspectos que podem ser promotores de uma convivência positiva e de adaptação entre estudantes e seus cursos de graduação no ambiente acadêmico, favorecendo assim a permanência.

A pesquisa do FONAPRACE (2019) também apontou que praticamente um terço dos estudantes ingressaram nas IFES com pensamento de abandonar o curso. Além disso, indicou que 52,8%

deles já tiveram o mesmo pensamento. Como razões para isso, apontaram as dificuldades financeiras, nível de exigência acadêmico, dificuldades para conciliar os estudos e o trabalho, dificuldades do próprio campo profissional, incompatibilidade com o curso escolhido, insatisfação com a qualidade do curso, problemas familiares e assédio, *bullying*, perseguição, discriminação e preconceito.

Nesse sentido, para Reis e Tenório (2009), há uma permanência que é de ordem material, sendo caracterizada pelas condições de subsistência dos estudantes (alimentação, moradia, materiais de estudos etc.), e outra de ordem simbólica que se refere às experiências universitárias, à possibilidade de participar de atividades, à identificação com colegas, ao sentimento de pertença.

Desse modo, as mudanças nos contextos acadêmicos promovidas pelas recentes políticas no ensino superior no Brasil são fundamentais para a inserção de novos perfis de estudantes, mas a sua permanência requer políticas que se desdobrem para além dos aspectos financeiros. Escutar o que o alunado têm a dizer sobre sua experiência universitária, certamente, pode auxiliar as IFES a compreender a dinâmica da vida estudantil e os aspectos relacionados à continuidade no curso. É nesta perspectiva que a presente pesquisa teve como objetivo investigar aspectos que contribuem para a permanência de estudantes em uma universidade federal, apontando fatores que dificultam tal permanência, identificando estratégias

utilizadas pelas participantes para permanecer, bem como possíveis interações entre a intenção de desistência e de permanência.

### **A Pesquisa: contexto e participantes**

A pesquisa foi realizada em um *campus* de uma universidade federal localizada em um município do interior da Bahia. Participaram da pesquisa cinco estudantes que estavam entre o 4º e o 6º semestres dos cursos de formação em BIS<sup>4</sup>/Psicologia ou BIS/Nutrição, que foram entrevistadas entre abril e maio de 2022. Eram todas mulheres. Tinham entre 22 e 47 anos. Quatro autodeclaradas pretas e uma, parda. Todas ingressaram na universidade através do processo seletivo por cotas e estudaram integralmente o ensino fundamental e médio em escolas públicas. Três migraram para a cidade onde está situada o *campus* da universidade para estudar; três eram mães e tinham filhos entre 05 e 26 anos. Uma recebia auxílio financeiro da universidade; uma aguardava receber; uma recebia apoio pedagógico para atividades acadêmicas; uma recebeu auxílio emergencial de apoio à inclusão digital durante o período de aulas remotas devido à pandemia da covid-19. Uma residia na casa de familiares de uma amiga; uma residia na casa de familiares; uma morava com as duas filhas; duas residiam com o marido e filhos. Uma transitava entre sua cidade de origem e a cidade do *campus*, dormindo, em algumas ocasiões, na casa de colegas. Uma tinha baixa visão.

---

<sup>4</sup>Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

Para realização da pesquisa, as entrevistadas assinaram um termo de consentimento livre explicitado e preencheram um questionário sociodemográfico por meio de uma plataforma de formulários eletrônicos. As entrevistas foram realizadas de forma remota através da plataforma *Google Meet* em função da pandemia do novocoronavírus (COVID-19). Os nomes das estudantes foram aqui substituídos por nomes fictícios como forma de preservar a identidade de cada uma e suas falas foram literalmente transcritas sem sofrer nenhuma alteração ou correção gramatical. A seguir, dispomos os resultados organizados em categorias, que foram elaboradas a partir dos elementos trazidos pelas estudantes em seus depoimentos.

### **O ingresso**

As estudantes que nutriram, por muito tempo, o interesse de ingressar na universidade enfrentaram desafios na realização do sonho, sobretudo, Núbia (discente de Psicologia, 39 anos) e Neuza (discente de Psicologia, 47 anos) que só conseguiram ingressar depois de muitos anos após a finalização do ensino médio. Nas palavras de Neuza:

*Há quase trinta anos atrás, era bem difícil, né, as coisas não eram fácil, a gente ingressar na faculdade tinha que ter condição financeira de se manter numa faculdade porque a faculdade era em Salvador, então, a gente tinha que se deslocar pra lá e aí tinha que ter dinheiro, né, condição pra poder se manter por lá.*



Assim, mais do que falar de democratização do acesso, a interiorização das universidades impactou na dinâmica estrutural dos municípios e favoreceu a permanência de diversos estudantes em suas regiões de origem, sem a necessidade de se deslocar para grandes centros urbanos. Foi o que aconteceu também com Aisha (discendente de Psicologia, 26 anos) que sonhava em ser estudante em uma universidade federal e priorizou a busca por universidades localizadas na Bahia, já que os custos financeiros de ingressar em universidades de outros estados seriam maiores.

Para Luana (27 anos) e Dandara (22 anos), ambas discentes de Nutrição, ingressar na universidade não estava nos planos. Luana relatou que a vontade surgiu após alguns anos da finalização do ensino médio, movida, principalmente, pelo desejo de provar para as pessoas do seu entorno que era capaz de entrar em uma universidade. Na vivência de Dandara, o que lhe provocou a vontade de ingressar em um curso universitário foi o programa Universidade para Todos.<sup>5</sup>

O processo de entrada na universidade foi descrito pelas estudantes como um momento marcante. Núbia relatou que a expectativa pelo primeiro dia na universidade lhe causou medo, principalmente, relacionado com o fato de ser uma estudante com mais idade que a média do seu grupo:

---

<sup>5</sup>O Programa Universidade para Todos (UPT) é parte integrante do Programa de Educação Tributária do Estado da Bahia (PET/BA) e tem como objetivo desenvolver ações que contribuam para a participação/aprovação de estudantes de escolas públicas em processos seletivos das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

*No dia eu nem dormi direito, né? Muito ansiosa. Fiquei com muito medo do que é que eu vou encarar, o é que eu vou viver, sabe? [...] quando eu cheguei aqui, que eu vi tanta gente nova, eu disse 'não, esse não é meu lugar'. E aí eu já fiquei pensando 'o que é que eu tô fazendo aqui com esse povo?' Tinha gente na minha sala que ainda ia fazer dezoito anos, eu tava com trinta e seis e eu pensava "esse povo tem idade de ser meus filhos, véi, oportunidade de ser meus filhos" e eu era a mais velha da sala e eu pensei a princípio: 'gente, o que é que eu tô fazendo aqui?'*

Já para Neuza, a entrada na universidade foi triste e feliz ao mesmo tempo. Ela enfrentou algo semelhante à Núbia ao chegar na turma e encontrar "um monte de jovem, um monte de gente, de pessoas diferentes". Comotem baixa visão, enfrentou inseguranças frente às questões de acessibilidade no *campus*: "E aí, quando eu vi o monitor [eletrônico]lá, né, as letras eu não conseguia enxergar, pronto. Aí eu disse: "não vai dar pra mim não, pra eu saber onde é a sala, eu tenho que olhar para aquele monitor ali como é que eu vou fazer?". Neste momento, pensou em não voltar para a universidade no dia seguinte, mas ao decidir retornar, encontrou "pessoas maravilhosas que me deram o maior incentivo", no caso, colegas e servidores do *campus*.

Aishadefiniu sua entrada na universidade como "caótica", uma vez que nutria expectativas em relação à própria família que não foram alcançadas:

*Por mais que eu taria realizando um sonho, eu não tive apoio das pessoas que deveriam estar me apoiando, entendeu, então foi bem complicado, fui chamada de louca, me questionaram perguntando se meu pai e minha mãe era rico. Eu achei que, tipo assim, ia ter uma mobilização da família para me ajudar a custear a minha vida aqui, e não, se não for minha mãe... Assim.. meu pai, lógico, meu pai ajuda, mas não é a mesma coisa, tipo assim, como minha mãe faz, meu pai não faz nem um terço.*

Já para Dandara, um dos aspectos mais difíceis do começo do percurso universitário foi ficar distante da família:

*Eu via toda semana eles em casa e depois, quando eu cheguei aqui, que eles foram embora, que eles ficaram comigo na faculdade durante a primeira aula que eu tive, e eles foram embora depois, em seguida, eu fiz assim: 'meu Deus, agora eu tô sozinha, não tenho mais mainha e painho e meu irmão'. Aí eu lembro que eu chorei, chorei, chorei, chorei naquele momento que, tipo assim, foi literalmente uma quebra de laço muito forte que eu não tava esperando.*

Cervinski e Enricone (2012), encontraram resultados semelhantes em sua pesquisa e salientam que os primeiros dias na universidade são momentos desafiadores que demandam criação de estratégias por parte de quem é estudante e da universidade para que a transição ocorra da forma mais confortável possível. Mas, ainda que o início tenha sido difícil para Dandara, tanto pela distância familiar quanto pela adaptação ao novo contexto, o sentimento de estar

alcançando horizontes nunca alcançados pela sua família, ainda perdurava. Ela contou uma situação em que esteve em Salvador quando cursava o ensino médio:

*Eu parei em frente à universidade de medicina que fica lá perto do Pelourinho e eu pensava assim: 'meu Deus, será que um dia eu vou conseguir entrar na universidade? Será que eu vou conseguir passar na faculdade pública? Universidade pública?' porque condições financeiras eu não tenho pra me bancar em algo particular, e aí quando eu passei, eu fiquei 'meu Deus, eu consegui, olha onde eu estou', né, um lugar privilegiado porque, se parar bem pra observar, na minha família, poucas mulheres alcançaram isso, né?*

A intensificação das políticas de acesso ao ensino superior público não só diversificou o perfil acadêmico do ingressante como também possibilitou que estudantes representassem a primeira geração da família a conseguir ingressar numa universidade (Fioreze; Stachelski e Ribeiro, 2022).

### **Desafios e percalços da trajetória universitária**

Um acontecimento que interferiu diretamente na possibilidade de permanência de estudantes nas universidades foi a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), algo até então desconhecido e que demandou das IFES uma reestruturação dos seus meios e métodos de ensino. A interferência foi ainda maior em se

tratando de estudantes dos primeiros semestres que tinham iniciado sua vida acadêmica pouco tempo antes ou, até mesmo, algumas semanas antes do isolamento social ser decretado no Brasil, em março de 2020. Para Neuza, que tem baixa visão, o desafio foi ainda maior:

*Eu tava preparada pra parte presencial, daqui a pouco, já tô na parte remota, e eu fiz, 'e agora como é que eu vou mexer em tantas... Como é que eu vou enxergar? Me conectar com computador com o celular... Gente, eu não sei mexer, além de não saber mexer, não saber lidar, ainda a visão e tudo, meu Deus, e agora o que que eu vou fazer'?*

Contudo, Neuza contou com o apoio dos filhos, professores e colegas para enfrentar as barreiras existentes na modalidade remota de ensino;ela acrescentou que esse foi um momento de muito aprendizado e que colegas de turma se tornaram sua segunda família, sobretudo, diante de percalços enfrentados com a falta de materiais acessíveis que contribuíssem para o seu aprendizado enquanto pessoa com deficiência.

Para Núbia, fez toda diferença contar com o apoio e compreensão de docentes que reduziram a quantidade de textos por aula, apesar de existirem professores que não "tavam nem aí", que dificultavam ainda mais o processo de aprendizagem, uma vez que já estava sendo atravessada pela "questão de internet caindo, era questão do espaço, era questão de ar, do cansaço físico, da dor nas costas, sabe, da mente, do medo de pegar covid". Acrescentou,

*Esse processo durante a pandemia foi muito, muito difícil, assim, muito difícil. Muitas vezes, durante a pandemia, eu digo "é, não vou dar conta dessa merda não. Não vou dar conta, não vou dar conta" e pra mim não foi pior porque durante todo esse tempo eu tava tendo acompanhamento do serviço de psicologia [da universidade].*

Núbia tinha um *notebook*, que quebrou no período de abertura do edital para suporte financeiro que a universidade ofereceu para contribuir com a compra de aparelhos eletrônicos para acessar as aulas; ela conseguiu enviar a documentação necessária para participar do edital e foi contemplada com o auxílio, possibilitando que, com uma contribuição financeira a mais fornecida pela sua mãe, pudesse comprar outro *notebook*.

Aisha e Dandara estabeleceram um comparativo entre o modo como vivenciaram as aulas remotas e como estava sendo o retorno às atividades acadêmicas presenciais. Ambas moravam perto da universidade até o início do isolamento social quando voltaram para suas cidades de origem. Com o retorno das aulas presenciais, elas passaram a morar distante do *campus*, enfrentando o desafio de utilizar o transporte público para frequentar as aulas:

*A princípio, quando eu vim pra cá, eu tinha esse conforto de morar do lado, literalmente do lado da universidade, [após o retorno presencial] me mudei[agora]pra uma casa maior, mas não ficava no mesmo bairro então, tipo assim, tá sendo extremamente complicado tanto que pra algumas pessoas, 'ah eu*

*queria que voltasse presencial', pra mim, eu ainda preferia tá no EAD porque essa volta pra cá, querendo ou não, tá sendo complicado, entendeu? Tipo, de ir pra faculdade, o cansaço porque, querendo ou não, bate um cansaço, eu ter que, tipo, sair duas horas antes de casa pra ir pra universidade (Aisha).*

Na opinião de Aisha, quando as aulas aconteciam na modalidade remota, ela estava confortável por estar em sua casa e com as pessoas da família, e com a retomada das atividades presenciais, perdeu o que considerava ser a oportunidade de estar com a família e, ao retornar, não usufruía de condições financeiras que fossem suficientes para residir numa casa mais próxima da universidade como residia antes da pandemia. Assim como Núbia, ela considerou que o processo psicoterapêutico é o que lhe ajudou a lidar com o retorno às aulas presenciais.

Assim como Aisha, Dandara avaliou o seu percurso universitário durante a pandemia como positivo, sendo que o retorno para a universidade lhe apresentou desafios:

*A minha permanência na universidade, de lá para cá, durante a pandemia foi tranquilo porque eu tava em casa [...], mas, em relação ao retorno que agora a gente tá aqui, eu achei, pensei por alguns dias que eu não poderia mais, eu teria que trancar porque meu pai ele ficou desempregado, ele é a única pessoa que sustenta a gente.*

*A minha intenção quando eu vim para [universidade] não era mais morar aqui onde eu tô, era ir para o centro [da cidade], e aí como é que eu vou para o centro se não tem dinheiro para pagar a*

*casa? Como é que eu vou para o centro se não tem dinheiro para comer?*

A questão financeira é fundamental no que diz respeito à permanência de estudantes de camadas populares. Foi por meio dos auxílios financeiros oferecidos pela universidade que Dandara depositou sua esperança de continuar estudando. Núbia, ainda que recebesse o auxílio da assistência estudantil, questionou-se, diversas vezes, se fez o certo ao deixar o trabalho para ingressar na universidade; muitas vezes, sentia-se mal por não contribuir financeiramente com as despesas da casa. Para Aisha, "a faculdade, ela dá recursos pra você manter, mas são recursos que não são suficientes ou são precários ou não valem a pena...". Assim, a estudante levanta a questão de que, ainda que os recursos fornecidos por meio das bolsas sejam importantes, as condições materiais de sobrevivência durante a graduação ainda são mínimas ou incipientes.

Se por um lado, a participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão contribuem para o fortalecimento de vínculo entre estudante e universidade, há uma parcela de discentes que enfrentam barreiras na oportunidade de "viver a universidade". É o que acontece com estudantes-mães. Luana, por ter duas filhas pequenas, trabalhava para sustentá-las, e acreditava que conseguiria alcançar novos horizontes no seu percurso universitário caso não fosse ela, exclusivamente, a responsável pelo cuidado das crianças: "Filho dificulta, por exemplo, eu vi o intercâmbio agora de universidades



daqui e pra fora também, pô... eu fiquei mexida, mas não posso, nem tento”.

Já Neuza, que tem dois filhos já adultos e que a ajudaram a manusear as plataformas digitais durante as aulas remotas, destacou a falta de acessibilidade como uma barreira importante que interferiu na sua permanência e, ao retornar para o ensino presencial, notou que a universidade ainda precisava dar passos largos para que alguns desafios que ela enfrentava fossem minimizados:

*Eu acho que tem muita coisa ainda para ser bem resolvida dentro da faculdade, acho que isso aos poucos, né, a gente não pode chegar e ser tudo de vez, né, inclusive, o monitor [eletrônico] tem que ser um telão porque a gente não consegue, eu mesmo não consigo ver o monitor, eu já tenho tudo já escrito porque se eu chegar lá para querer olhar o monitor eu não vou conseguir olhar, entendeu? Então tem muita coisa que precisa ainda ser desenvolvido ali dentro para que a gente possa permanecer na faculdade sem nenhum transtorno, sem nenhum constrangimento.*

### **Entre o permanecer e a intenção de desistir**

Quanto à continuidade ou não da formação universitária, Luana revelou que pensava, a todo momento em desistir, constantemente se perguntava se valia a pena os anos de dedicação, se estava aprendendo como os colegas de turma e se ia conseguir um emprego assim que concluísse o curso: "É como se fosse um esforço e

no final você não tem certeza se vai valer a pena ou não." Mesmo permanecendo, ela ainda é acompanhada pela sensação de não pertencimento:

*Não vou falar assim 'ah tem sido fácil, tá sendo aquele mundo como eu imaginei, mil maravilhas, que lugar lindo, que lugar massa'... A todo momento a universidade, olhares me falam: 'Você não é daqui'. É isso que eu sinto desde o primeiro semestre: 'Você não é daqui. Você não é para estar aqui'.*

Como apontam Souza e Santos (2017), a recente inserção de estudantes que advém de camadas populares, sobretudo, pessoas negras, quilombolas, indígenas e pertencentes a comunidades rurais e periféricas, não se constitui como uma tradição familiar, nem sequer como um lugar possível de se almejar, o que torna o processo de afiliação e permanência ainda mais complexo e demandante de atenção por parte da comunidade universitária.

Ganam e Pinezi (2021) argumentam que, mesmo com os esforços dedicados para incluir tal heterogeneidade por meio de políticas e práticas, a universidade ainda não alcançou um status de inclusão que promova a sensação de pertencimento para estudantes das camadas populares. No que disseram as entrevistadas, foi possível notar a presença de processos ainda excludentes que lhe fizeram questionar a própria permanência no curso.

Dandara relatou ter tido intenção de trancar o curso por conta das condições financeiras enfrentadas pela família, assim como Núbia que pensou em desistir num momento de dificuldade também financeira, quando não teve dinheiro para pagar a viagem de ônibus da universidade até o bairro onde morava:

*[...] quando eu cheguei em casa naquele dia, eu não queria mais voltar não, mulher, eu não queria voltar, eu não queria voltar, sabe, eu digo: 'gente, e se eu não tô conseguindo pagar o coletivo, sabe, eu vou conseguir o resto?' [...] Foi doloroso, mas naquele dia eu pensei em desistir, assim, foi um dos dias que foi mais difícil para mim, naquele dia eu pensei em desistir.*

Aisha, ao mesmo tempo que disse nunca ter pensado em desistir, estava bastante preocupada com os esforços feitos por sua mãe para que ela permanecesse no curso. Ainda relatou uma situação em que, após obter notas baixas em avaliações, questionou a mãe se ela queria que desistisse do curso:

*[...] porque, querendo ou não, eu sei o esforço que ela tá fazendo para me manter aqui, então seria muito injusto, tipo assim, eu tirar notas ruins ou eu passar arrastada, então eu já cheguei a perguntar para ela se ela queria que eu desistisse, entendeu, não por mim, mas por ela porque eu sei do sacrifício que ela tá tendo para me manter aqui, aí do nada... Ela criou uma expectativa em relação a isso, então aí do nada, não supro aquela expectativa que, tipo assim,*

*ela nunca me falou nada, mas é algo que eu tenho em mim, entendeu, é só nesse sentido assim.*

Neuza pensou em trancar o curso quando ficou responsável pelos cuidados com a mãe adoentada durante a pandemia. Também pensou em desistir ao enfrentar uma situação constrangedora com uma professora durante o período de aulas remotas:

*Eu falei para uma professora que eu não tava conseguindo enxergar o slide [...], eu já monitorando cá no meu computador, eu não conseguia ter uma visão legal, e aí ela falou assim para mim: 'Mas você não ouve não? Então você ouve. Só prestar atenção no que eu estou falando', quer dizer, me tirando o direito de enxergar, de ver o que eu queria ver. Ali aquilo ali, poxa... eu saí arrasada, não tive nem palavras.*

Anache e Cavalcante (2018) discutem que, ainda que haja movimentos que incentivem o acesso e permanência de estudantes com deficiência, ainda há barreiras, sobretudo, no que diz respeito ao currículo, falta de recursos acessíveis e formação de profissionais que compreendam os recursos de acessibilidade como ferramentas essenciais na democratização do aprendizado de tais estudantes, para que as condições de permanência não se restrinjam aos esforços individuais e de colegas.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) em seu Art. 3º discute alguns conceitos que são de suma importância para a discussão sobre a situação enfrentada por Neuza. Dentre eles o de

acessibilidade, que se refere à possibilidade de autonomia na utilização de espaços, equipamentos urbanos, transporte, entre outros, com destaque para os sistemas e tecnologias, aspecto que foi negado à entrevistada no episódio de aula remota relatado. Também o conceito de barreiras atitudinais que se referem a atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades como as demais pessoas (BRASIL, 2015). Foi exatamente o que fez a professora descrita na situação narrada por Neuza: criou uma barreira atitudinal ao colocar-se indisponível para resolver o problema da estudante, quando bastava apenas aumentar o tamanho da letra nos slides, algo que não prejudicaria a turma e a sua aula, mas que teria dado à Neuza a condição que precisava para participar melhor dela.

Diante da situação ocorrida com a professora e depois de receber apoio dos colegas, Neuza buscou o colegiado para relatar o ocorrido: "Aí eu disse 'não. Agora não desisto não, agora eu vou ver, se não se encaixar nas minhas condições, eu descarto", a partir daí, a situação com a professora melhorou e serviu como incentivo para que ela passasse a buscar mais conhecimento, levantar discussões e ir em busca de mais direitos:

*Quando eu vejo que não tá bom pra mim, eu comunico, converso com a coordenação, né, colocando a minha posição, 'e aí olha... É assim, assim e assim'. E aí já sei que, se não aceitar, que a*

*gente vai para outros meios, sabe, mas eu tô fazendo valer não só o meu direito, mas o direito de todos ali dentro.*

Assim, encorajada por seus colegas, Neuza buscou a instituição, o que certamente, permitiu-lhe saber da existência das políticas de inclusão da universidade que visam assegurar condições de acessibilidade e atendimento adequado aos estudantes com deficiência ou com necessidades educacionais específicas através de programas e ações de apoio acadêmico.

Ainda que a permanência seja atravessada por situações as mais adversas, as estudantes constantemente buscavam estratégias para lidar com as dificuldades existentes no percurso acadêmico. Para contribuir com os custos mensais de estudar em outra cidade e diante do desemprego do pai, Dandara encontrou nas suas habilidades, uma forma de tentar atravessar o momento difícil:

*Eu sempre tento fazer alguma coisa pra vender, não é à toa que eu estou fazendo doce para vender na universidade e aí é uma forma de tentar me manter também, de tentar cobrir minhas despesas, fora os projetos que eu me envolvo pra poder também ter essa renda [...] justamente para não ficar dependendo, esperando painho me mandar cem reais pra eu pagar uma conta, pra ele mandar cinquenta reais pra eu comprar meus produtos de higiene pessoal, então não, eu sempre tô comprando as minhas próprias coisas e pagando tudo certinho para justamente não ficar nesse impasse.*

Para ela, essa é uma forma de "se desvincular um pouco dessa história de ficar na asa de pai e mãe porque eu tenho que aprender o que é a realidade da vida".

Para lidar com as dificuldades de locomoção ao retornar para as aulas presenciais, Aisha buscou organizar sua grade de horários de modo que aulas remotas e presenciais ocorressem de forma alternada para que ela não precisasse ir muitas vezes na semana ao *campus*<sup>6</sup>.

Ainda são incipientes os estudos que mostram o impacto da pandemia nas condições de permanência de estudantes na universidade a partir do retorno das aulas na modalidade presencial. Mas é possível perceber, a partir das falas das entrevistadas, que, ao mesmo tempo, que o retorno apresentou aspectos positivos como a ruptura com o ensino exclusivamente remoto e a retomada gradativa do convívio social, tal retomada acontece com entraves, sobretudo, no aspecto financeiro e de moradia, entraves que podem fragilizar a intenção de continuidade na graduação em alguns momentos.

### **O que faz permanecer**

Diante do cenário de desigualdade econômica existente no Brasil, o auxílio financeiro pode se constituir como um aspecto de suma importância para a permanência de estudantes de camadas

---

<sup>6</sup>No primeiro semestre em que retornou às aulas presenciais, a universidade aqui estudada ainda ofertou disciplinas em formato presencial e outras em formato remoto.

populares na universidade. Em vários momentos, as estudantes entrevistadas destacaram o fato de que receberem mensalmente alguma bolsa contribuía para a manutenção de despesas. Para Luana, se não tivesse a bolsa-permanência, ela não estaria mais na universidade:

*Tem a bolsa PPQ que eu paro e falo assim: 'não. É.. Se acaso eu sair do trabalho agora, eu tenho essa bolsa, posso escolher entre uma coisa e outra, mas essa bolsa eu não posso perder'. Ela [a universidade] também me cobra, né? Preciso seguir alguns parâmetros pra poder me manter nela. Ai... mas até então, assim, o máximo é a bolsa.*

Dandara também contou que, além da bolsa do Programa de Permanência Qualificada (PPQ), a participação num projeto de extensão garantiu a ela uma bolsa e ambas diminuíram sua intenção de desistir diante do desemprego familiar. Sendo assim, é possível reforçar que a concessão de bolsas é um aspecto essencial na continuidade dos setores populares na universidade.

Contudo há aspectos de outras ordens que contribuíram para a permanência das estudantes entrevistadas, mesmo em meio a tantas situações que trouxeram à tona a vontade de desistir. Núbia contou que persistia no curso pela certeza na escolha que fez pela Psicologia, enquanto Luana, que só escolheu a Nutrição por acaso, acrescentou que seguia em frente porque aprendeu a gostar da área com o passar dos semestres. Neuza e Aisha queriam conhecer mais o curso que



faziam e viam a perspectiva de passar para o segundo ciclo da formação<sup>7</sup> como algo que vai impulsioná-las seguir adiante.

Aisha mesmo com os desafios da trajetória universitária, por vezes, não acreditava que que vivenciou tantas novidades; contou como a participação nas discussões promovidas pela universidade lhe despertou a vontade de se envolver em projetos e potencializou as percepções de si mesma:

*Eu consigo ver em mim a potência e eu, eu tenho a certeza, a plena certeza de que eu só estou no lugar que eu estou hoje porque eu estudei em [universidade], né, porque fora eu não teria acesso a essas discussões, eu não veria certas coisas, eu não saberia certas coisas, sabe, eu não teria compreendido tantas coisas que eu compreendo hoje.*

Neuza também viu mudanças em si mesma na forma de perceber e interpretar alguns aspectos da sociedade:

*Hoje, dentro da faculdade, a gente tem uma visão mais ampla, né, a gente passa a ser, passa a desconstruir, né, e aprender outras coisas, desaprender daquilo que a sociedade nos impõe para a gente viver uma outra realidade do que realmente é, não romantizando, não colocando florzinhas, né, coraçõezinhos, mas*

---

<sup>7</sup>Os cursos de psicologia e nutrição da universidade investigada são realizados em dois ciclos de formação: o primeiro, o bacharelado interdisciplinar; o segundo, o ciclo profissionalizante.

*realmente a realidade daquilo ali, então acho que a faculdade hoje tá abrindo novos horizontes pra mim.*

E é a partir desta abertura de horizontes e de situações vivenciadas que Neuza foi, incentivada e apoiada por colegas, realizando ações e participando de discussões que lhe possibilitaram conhecer as políticas de inclusão da universidade, o que contribuiu para uma maior sensação de pertencimento e da intenção de permanecer.

*Eu consegui agora um monitor [acompanhante] para me ajudar, né, nas atividades, em relação, também, agora vai ser sinalizado, né, as escadas vão ter sinalizações... Que mais... No quadro de avisos também, né, já vai estar tudo já bem organizado pra gente [...], os professores já estão com consciência, já trazem o material já preparado para aula e essa inclusão tá sendo bem visível, não é assim o material separado, sabe, 'o dela é esse e o da turma é esse', não, já traz prontinho que é para todo mundo ficar ali satisfeito [...] aí eu tô gostando muito.*

Tal aspecto se alinha com o que o estatuto da pessoa com deficiência define como comunicação, uma forma de interação que possa permitir a visualização de textos, sistemas de sinalização, comunicação tátil, caracteres ampliados, dispositivos multimídia, linguagem oral e escrita, de modo a tornar mais acessível o consumo dos conteúdos pelas pessoas com deficiência (BRASIL, 2015, p. 10). Neuza, ao citar a importância de ter um estudante apoiador a

acompanhando nas atividades, acabou por destacar a relevância dessa ação do núcleo de políticas de inclusão da universidade como uma forma de viabilizar sua permanência.

Dandara também almejava conquistar seu próprio espaço ao chegar a posições e lugares sociais não ainda não alcançados pela sua família, servindo de exemplo para ela:

*[...] De qualquer forma, eu quero conquistar mesmo os meus espaços, que agora eu entendo que esses espaços também são meus, né, se você parar bem para olhar a minha família, as mulheres pretas não são graduadas, né, malmente terminaram o ensino médio, então eu tô aqui no ensino superior e isso me motiva a continuar e a incentivar os meus primos também, os meus primos mais novos para poder acessar esse local e buscar estudo, e também ter a qualidade de vida que eu pretendo ter.*

Como aponta Reis (2013, p. 184), a entrada de alguém na universidade pode acabar por influenciar positivamente outras pessoas da mesma família a vislumbrarem um caminho possível para ingressarem também. Para a autora, isso causa uma sensação de existir, de se perceber como participante desta realização, de modo que não somente quem ingressa pode se transformar como também transforma a realidade social e familiar em que se insere.

Algo que contribuiu para a continuidade de Luana no curso foi provar para as pessoas do seu entorno que ela conseguia ingressar na universidade e ir cada vez mais longe:

*Eu sou ousada, talvez isso seja até o que me mova [risos].  
Porque toda vez que falam assim: 'você não vai conseguir, você não é pra ter isso', eu fico com aquilo na mente e falo "mas por que não?"; eu fico me questionando, então no momento é ruim, é chato, causa uma ansiedade, uns sentimentos bem ruins, mas, no fundo, no fundo, no fundo, eu consigo enxergar aquilo como um 'não, eu vou provar pra você que eu consigo sim, posso demorar? posso... mas eu vou conseguir sim'.*

Para Núbia, Dandara e Neuza, o desejo de continuar no curso foi potencializado pela participação de outras pessoas, seja a família, colegas, corpo docente e equipe de terceirizados da instituição. Neuza ensinou e aprendeu com colegas a todo momento e tal parceria contribuiu para o clima de acolhimento e cuidado na turma:

*Eles estão me ensinando muito, eu acredito que eu também tô ensinando muito para eles e hoje eu vejo colegas assim sensíveis, né, tipo, eles não deixam a cadeira assim, a cadeira perdida, eles sempre tão colocando assim no cantinho, se tem algum fio do projetor assim no meio do caminho eles vão lá e tira, entendeu, estão sempre com aquele cuidadinho comigo, eu fico feliz, sabe, que eu tô vendo que tá valendo a pena tá ali dentro.*

Com os servidores do *campus* não tem sido diferente:

*Também tem os funcionários, né, tem as meninas da limpeza que já me orienta, um já me ajuda, eu tô vendo também que, quando tem alguma notícia pra colocar lá no mural, as letras já estão*

*vindo maiores, né, que já tá dando para ver, tudo isso, eu tô fazendo valer a estadia ali, não vai ser para sempre, mas eu vou deixar ali um legado de superação, de valer a pena. Vale a pena.*

Núbia também expressou entusiasmo ao dizer que sua turma lhe forneceu suporte sempre que ela teve alguma dificuldade e que contou com a acolhida coletiva para seguir adiante. Também foram algumas professoras da instituição que lhe deram apoio emocional, e até mesmo financeiro, nos momentos em que continuar não lhe era mais uma opção:

*A professora X falou uma frase que eu uso até hoje, ela disse: 'olha, se você está confusa não é momento de tomar decisão' e aquilo pra mim foi muito importante. Se eu não tivesse ouvido aquela frase, talvez eu tivesse desistido, e eu realmente tava confusa e no meio da minha confusão eu ia desistir, sabe? E aquela frase dela me fez permanecer e não o que elas [esta e outra professora] falaram, mas o que elas fizeram, sabe? A sensibilidade, sabe? De me perceber que eu não estava bem, de perceber que eu não estava mais sorrindo.*

Dandara buscou em docentes a referência que ela precisava para compreender melhor a trajetória universitária e teve um retorno positivo sobre em quais projetos ingressar para se aprofundarem seu curso e se candidatar para bolsas. Ela, assim como Núbia, também não via a possibilidade de continuidade se não fosse o apoio familiar:

*Eu nunca tive problema em querer desistir e não permanecer porque eu sempre tive pessoas que me apoiaram, né, pessoas que eu*

*realmente confio que são os meus pais, então, eu sempre tive ali alguém pra incentivar, pra falar "não tá bom você tá longe, mas está estudando e é isso que importa" sabe, então pra mim foi muito importante isso.*

Núbia acreditava que de nada valeria ter maior suporte material se não tivesse o apoio das pessoas do seu convívio:

*Para mim, o financeiro dificulta a permanência por conta de tantas questões, mas não é só o financeiro que facilita para mim, sabe, porque talvez se eu tivesse estabilidade financeira e não tivesse esse apoio não valeria de nada, entende? Então, assim, para mim, essa rede de apoio faz toda diferença de verdade.*

O desejo de concluir o curso também surgiu como um aspecto central na permanência das estudantes. A expectativa de se formar, ter o diploma de ensino superior ou atuar na profissão escolhida são aspectos essenciais presentes no cotidiano de quem já enfrenta tantos obstáculos para concluir cada semestre. Dandara contou do seu carinho pelo *campus*, considerava a universidade muito boa e disse que, ainda que não conseguisse concluir os ciclos dentro do tempo esperado na divisão curricular, queria aproveitar cada etapa e vivenciaria as outras atividades que o *campus* tem para oferecer.

Concluir o curso também estava relacionado à atuação profissional e isso significava, para Dandara e Aisha, uma oportunidade de contribuir para melhores condições de vida para as suas famílias e retribuir, de alguma forma, todo o apoio que receberam

durante a estada universitária, aspecto que também favoreceu suas permanências no curso. Na fala de Dandara,

*Porque tanto esforço que tiveram ainda pra me manter aqui vou retribuir de alguma forma, não sei como, mas vou retribuir de alguma forma, né, então essa motivação deles me apoiarem me faz querer continuar pra poder querer dar algo melhor, então sempre pensei nisso, vou dar algo melhor para eles, não sei quando, mas eu vou dar algo melhor pra eles.*

Aisha também relatou

*[...]Querer mudar a realidade da minha família, porque minha mãe não teve estudo, meu pai não teve estudo, por causa das humilhações que eu vejo eles passando, de mudar a realidade da minha família, por essa questão. Então, tipo assim, eu tenho que... por mais que esteja difícil, por mais que eu esteja surtando, que esteja complicado, eu tenho que ir porque eu tenho que melhorar.*

É na universidade que muitas famílias depositam suas perspectivas de um futuro diferente das gerações anteriores, e, para isso, muitas vezes, dedicam anos de esforços financeiros e emocionais para que tais estudantes permaneçam no curso (Schuh 2017). Sobretudo, nas falas de Aisha e Dandara, recém-saídas do ensino médio e que contavam com os pais para custear a maior parte das suas despesas, ficou evidente esse lugar de conquista e de querer proporcionar um maior conforto material para a família a partir de suas atuações profissionais.

Diante do rompimento de barreiras sociais e institucionais e a partir da expectativa de produzir novas realidades a partir da formação, Neuza deixou um recado: "Se eu já cheguei até aqui, eu vou chegar até o final. Não importa o que eu tenho que enfrentar até lá, eu já cheguei no meio, pra desistir aqui, não desisto de jeito nenhum!".

### **Considerações finais**

A pesquisa permitiu perceber que intenções de desistência e permanência podem se entrelaçar a todo momento durante a trajetória de estudantes num curso universitário. Mesmo as estudantes que disseram nunca ter pensado em interromper a formação, em algum momento, durante suas falas, descreveram situações em que desistir pareceu uma opção, o que nos permite pensar que, a intenção de permanecer foi, muitas vezes, atravessada por questões que as fizeram considerar a desistência como uma possibilidade. Desse modo, ambas, permanência/desistência, apareceram como dimensões do mesmo fenômeno: a trajetória acadêmica estudantil.

Foi possível observar que, se as bolsas-auxílios recebidas pelas entrevistadas contribuíram para a diminuição dos desafios enfrentados pela falta de recursos materiais, elas não foram o suficiente. Os incentivos para seguir moraram também na certeza da escolha do curso, no aproveitamento do que estava sendo aprendido e no anseio de devolver, para a família e a comunidade, aquilo que



aprenderam; no amparo de colegas, docentes e equipe de servidores terceirizados.

As participantes foram movidas também pela busca pelos próprios espaços, para provar para si e para outras pessoas que conseguiriam alcançar seu objetivo e pela expectativa de chegar até o final dos ciclos. Para algumas, o seguir em frente esteve diretamente alinhado com a finalização do curso e a expectativa de, a partir da formação, proporcionar melhores condições de vida para si e para a família, como retorno ao apoio emocional e financeiro proporcionado por ela durante os anos de graduação.

Permanecer não foi, pois, uma questão somente da estudante em si, foi também uma questão institucional e coletiva. Destacou-se assim a importância de ações institucionais que foram além do apoio financeiro, mas também relacionais e afetivas. Isto remete à importância da universidade se ocupar não somente com a recepção aos estudantes ingressantes durante as primeiras semanas de aula, como também com a promoção de espaços de troca deles entre si, mas também com docentes, técnicos-administrativo, trabalhadores terceirizados durante todo o percurso da estada no curso, contribuindo assim para a construção de uma permanência de qualidade, que garanta a presença de diversidade de atores com diferentes características sociais de forma a minimizar possíveis lógicas homogeneizantes de lidar com a permanência.

Vale ressaltar também que novos desafios serão encarados uma vez que é possível que os cortes orçamentários enfrentados pelas universidades públicas brasileiras nos últimos anos e, quiçá, nos que virão, impactem no repasse de auxílios financeiros para estudantes de baixa renda, o que será um aspecto que poderá ter forte influência na permanência de tais grupos e que exigirá das universidades públicas a criação de políticas de acolhimento e permanência para além das bolsas-auxílios, que já são de suma importância.

Como diz Leite (2016), um curso universitário e as marcas que ele deixa em cada estudante é muito maior do que aquilo que aparece nos currículos, nos programas e ementas das disciplinas. Para algumas pessoas, permanecer na universidade está além da transição de semestres e do conteúdo aprendido em cada um deles, é muitas vezes carregar consigo, incessantemente, a história de todos/as/es aqueles/as que não conseguiram alcançar o ensino superior, uma luta diária para ocupar um espaço onde, até pouco tempo atrás, tais presenças eram tidas como "desviantes".

O percurso ainda é longo para que discentes de camadas populares se insiram no ensino superior e nele permaneçam com qualidade e, para ajudar a viabilizar a continuidade e conclusão da sua trajetória acadêmica, é importante conhecer os aspectos e estratégias que os estudantes validam para se fazer presente na universidade.

## **Referências**

ANACHE, Alexandra Ayach; CAVALCANTE, Lysa Duarte. Análise das condições de permanência do estudante com deficiência na Educação Superior. *Psicologia Escolar e Educacional*, número especial, p. 115-125, 2018.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Ministério da Educação, Brasília, DF, 19 jul. 2010. Disponível em: [https://planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm](https://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm). Acesso em: 28 fev. 2022.

BRASIL, Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm).

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm).

CERVINSKI, Luciane Fátima; ENRICONE, Jacqueline Raquel B. Percepção de calouros universitários sobre o processo de adaptação ao sair da casa dos pais. *Perspectiva*, v. 36, n. 136, p. 101-110, dez, 2012.

COULON, Alain. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. EDUFBA, 2008.

IOREZE, Cristina; STACHELSKI, Eduarda; RIBEIRO, Silvana. "Para minha família sempre serei lembrado": reflexões sobre a realidade dos estudantes de primeira geração. *Vivências*, v.18, n. 35, p. 89-104, 2022.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS – FONAPRACE. V Pesquisa Nacional

de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Brasília: Andifes, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2012.

LEITE, Rita de Cássia Nascimento. A formação de si (*Bildung*) do estudante universitário. 2016. 202 p. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MANCOVSKY, Viviana; MÁ S ROCHA, Stella Maris. Los inicios a la vida universitaria: unencuentro posible de intereses comunes. Em: MANCOVSKY, Viviana; MÁ S ROCHA, Stella Maris (ed.). Por una pedagogía de "los inicios": más allá del ingreso a la vida universitaria. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2019, p.11-17.

MEJÍAS SANDIA, Carlos. Formación identitaria como eje articulador de permanencia y éxito académico de estudiantes de educación superior. *Interações*, v. 17, p. 475-486, jul/set, 2016.

MENDES, Máira Tavares. Crítica ao conceito de afiliação de Alain Coulon: implicações para a permanência estudantil. *Educação em Revista*, v. 36, 2020.

NUNES, Roseli Souza R. VELOSO, Tereza Christina Mertens A. A permanência na educação superior: múltiplos olhares. *Educação e Fronteira On-Line*, v. 6, n. 16, p. 48-63, jan/abr, 2016.

REIS, Dyane Brito. Continuar ou desistir? Reflexões sobre as questões de permanência de estudantes negros na UFRB. In: SANTOS, Georgina Gonçalves; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Orgs.). *Observatório da Vida Estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude*. EDUFBA, 2013, p. 179-195.

REIS, Dyane Brito; TENÓRIO, Robinson Moreira. Políticas públicas de acesso e permanência da população negra no ensino superior: um debate em curso. Cadernos ANPAE, v.8, 2009.

SCHUH, Malu Santarem. A trajetória da primeira geração da família na universidade: contribuições acerca da formação acadêmica na PUCRS. 2017. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Jailma; PIMENTEL, Adriana. A inclusão no ensino superior: vivências de estudantes com deficiência visual. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 28, p. 121-138, 2022.

SOUZA, Greyssy Kelly Araujo de Souza; SANTOS, Dyane Brito Reis. Da afiliação à permanência: o protagonismo da iniciação científica. In: SANTOS, Georgina Gonçalves; VASCONCELOS, Letícia; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Orgs.). Observatório da Vida Estudantil: Dez anos de estudo sobre vida e cultura universitária: percurso e novas perspectivas. EDUFBA, 2017, p. 153-171.